

O TOUR DE FRANCE, A UM PASSO DA IMPLOÇÃO

16/07/2006

[O Globo](#)

Na massacrante competição, o esporte vai perdendo embate contra o doping, que ameaça futuro do ciclismo

Talvez seja necessário ser francês, ou pelo menos ciclista, para comungar da paixão e fascínio do país pelo Tour de France (Volta da França), a competição esportiva mais extrema, superlativa e complexa do mundo. O resto da humanidade, quando toma conhecimento do evento, considera-o enfadonho. Ou incompreensível, pelo cipoal de regras, etapas, camisetas indicativas de desempenho, mistura de participação individual e por equipes. O Tour de France-2006, contudo, merece atenção geral: ali se trava um embate definitivo e claro entre doping e esporte. Até agora o vencedor tem sido o doping.

Há duas semanas 176 ciclistas de ponta disputam a 93ª edição dessa maratona que entra na sua etapa mais crítica — a travessia de um percurso vertical nos Alpes, equivalente a três montes Everest. No próximo domingo se saberá qual dos competidores cruzará primeiro a linha de chegada, em Paris, e entrará para o panteão mais cobiçado do ciclismo. O vencedor terá percorrido 3.657 quilômetros de planícies, vales, montanhas, asfalto ou terreno pedregoso, a uma velocidade média de 40 km/h (algo como correr uma maratona dia sim dia não durante três semanas), curvado em cima de uma bicicleta. Isso com apenas dois dias de descanso entre 21 jornadas de competição.

Pelas contas do “New York Times”, cada dia de competição na “Grande Boucle” — ou grande fecho, como os franceses chamam o Tour de France — suga em torno de 10 mil calorias (o equivalente a 17 Big Macs) do atleta. Esse massacre ao organismo não tem paralelo em nenhuma outra modalidade esportiva. Não espanta, assim, que os competidores desta edição do Tour reservassem profundo desdém pelo cansaço dos jogadores da Copa do Mundo da Alemanha, a cada vez que uma partida se estendia para mais 30 minutos de prorrogação, e pênaltis.

— A meu ver, eles são cheios de nove-horas comparados aos ciclistas — dizia o norueguês Dag-Otto Lauritzen.

— Jogadores de futebol se machucam bastante, mas tem tempo de sobra para se recuperar. Nós, não. Temos de estar a postos no dia seguinte, três semanas seguidas — acrescenta o diretor da equipe francesa Cofidis.

A brutalidade desse esporte explica, em parte, os apelidos de alguns dos maiores nomes do ciclismo profissional. Eddy Merckx, o belga que reinou sozinho de 1961 a 1978 (venceu cinco Tours de France, cinco Giro d'Itália, uma Volta da Espanha, três campeonatos do mundo e sete corridas Milão-San Remo) imortalizou-se como Le Cannibal.

O italiano Marco Pantani, que dominou as etapas montanhosas do Giro d'Italia (2.646m de altitude no Colo de Galibier, trechos alpinos de 18km com inclinação de 7% a 12%) entrou para a história como Il Pirata.

Supremacia como a de Pantani no percurso mais hostil da prova — a montanha — costuma ser inebriante para o competidor. Uma coisa é chegar na frente de um pelotão após ter pedalado por 230km de terreno plano entre Beziers e Montélimart, com gente aplaudindo ao longo da estrada. Outra é chegar sozinho no topo de uma etapa de ar rarefeito, tendo o Mont Blanc à frente e o maciço dos Ecrins às costas. Marco Pantani, de estrutura compacta e muscular, era imbatível quando arrancava na vertical.

Seu primeiro acidente ocorreu em 1995, atropelado por um jipe. Dois anos mais tarde, um gato preto o fez despencar numa ravina. Em 2001 uma seringa contendo insulina foi encontrada em seu quarto de hotel. Excluído do Tour de France-2003, Pantani entrou em depressão. Foi encontrado morto, sozinho, num quarto de hotel de Rimini. Deixou um bilhete rabiscado em nove páginas do passaporte, declarando-se vítima das alegações.

Não é de hoje que o declínio causa vítimas entre campeões do ciclismo. René Pottier enforcou-se no gancho de sua bicicleta em 1907. René Vietto tornou-se eremita nos anos 40. Thierry Claveyrolat suicidou-se com um tiro em 1999.

Também não é de hoje que os anais do Tour registram episódios de superação de dor transformados em épicos. Honoré Barthélémy não abandonou a competição, apesar de ter fraturado o ombro, deslocado o punho e ferido um olho no percurso. O “canibal” Eddy Merckx chegou em segundo lugar na edição de 1975, embora tenha quebrado o queixo. Sem falar no campeão-dos-campeões, o americano Lance Armstrong, cuja ressurreição de um câncer terminal virou livro de auto-ajuda e dificilmente verá igualado o seu recorde de sete vitórias seguidas (1999-2005).

Para alívio dos franceses, que não vencem há 21 anos, Armstrong pendurou sapatilhas e capacete e deverá aparecer na França só na fase final. Mas a pé, para incentivar os colegas de escuderia.

Agora, quem disputa com o francês Cyril Dessel o pódio de 2006 é Floyd Landis. Além de americano, Landis também é candidato a herói. Acaba de ser revelado que ele sofre de osteonecrose, severa condição degenerativa da bacia direita. Há quatro anos esconde o fato e a dor, mas não tem mais como adiar uma cirurgia, logo após a prova. Já teria escolhido o modelo de implante que substituirá sua bacia triturada: chama-se sistema Durom. Segundo o “New York Times”, a prótese parece uma escultura de Henry Moore.

Não se pode estipular qual a cota de dor física máxima que um ser humano é capaz de suportar. Mas nem um atleta disposto a morrer pelo esporte conseguiria, como Landis fez em 2005, submeter sua bacia porosa e necrosada a 250 dias de treinos de cinco horas, com pedaladas de 90 rotações por minuto, totalizando 6,7 milhões de movimentos da parte danificada de seu corpo. Foi autorizado pela União Internacional de Ciclismo a ser medicado com cortisona, em regime de exceção, apesar do hormônio antiinflamatório constar da lista de substâncias proibidas no esporte. Se vencer no próximo domingo, será o menor dos males de um esporte implodido pela vitória do doping.

Segundo dados levantados há seis anos por um estudioso francês, Stéphane Huby, e acessíveis na Internet até meados de 2005, quando sofreu intervenção da Comissão Nacional de Informática e das Liberdades da França, a folha corrida do Tour de France é uma calamidade. Dos 276 atletas que subiram ao pódio desde a primeira edição, em 1903, nada menos do que 128 (47% dos premiados) tiveram o nome vinculado ao uso de doping. A partir do fim da II Guerra, a proporção aumenta para 69% e vira gangrena depois dos anos 80: 75%. Por 16 vezes, todos os ocupantes do pódio constam de investigação de doping. Mesmo assim, somente em 1998 os organizadores passaram a admitir a existência do perigo.

Às vésperas da edição 2006 do Tour veio um tiro de onde menos se esperava — da Espanha, tradicional celeiro no doping. Foi uma operação certa e devastadora, conduzida pela Guarda Civil do país. Enquanto a nata do ciclismo de elite se concentrava no Giro d'Italia, agentes invadiram a residência de uma eminência da medicina do esporte, Eufemiano Fuentes, e o consultório de um hematologista. Além de apreenderem quase 200 coletas de sangue, milhares de doses de hormônios de crescimento, esteróides anabólicos e EPO, desmantelaram uma sólida estrutura clandestina do mercado internacional de substâncias proibidas. Colocaram as mãos numa lista de 58 ciclistas de ponta suspeitos de envolvimento com o doutor Fuentes. Decidiram tornar públicos os nomes. Foi uma hecatombe: entre os citados, os quatro nomes de maior destaque depois de Lance Armstrong, a começar pelo campeoníssimo alemão Jan Ulrich. Todos seriam candidatos ao pódio do Tour em 2006. Todos foram proibidos de participar.

Para os mais cínicos, resta a forma imbatível de tornar limpa a maior competição esportiva do mundo ao ar livre: mudar as regras e diminuir as proibições. Se tomarmos como exemplo o corticóide Kenarcort, indicado para rinites alérgicas ou crises de artrose, e capaz de diminuir a sensação de dor e fadiga, a coisa já está em marcha. Proibido desde 1998, o Kenarcort é facilmente detectável. Bastavam 2 nanogramas por mililitro de sangue para um teste antidoping ser positivo. Este ano, os organizadores do Tour elevaram o patamar para 30 nanogramas.